

Melhora da economia favorece setor de seguros

Segundo projeções da Susep, receita das empresas do setor cresceu 14,8% em 2000

SÔNIA ARARIPE

RIO – O ano de 2000 já foi bom para vários setores da economia. Mas promete entrar para a história do mercado de seguros, previdência e capitalização como o melhor desde o início do Plano Real. Segundo projeções da Superintendência de Seguros Privados (Susep), o crescimento do mercado de seguros pode ter fechado o ano passado em 14,8% sobre o faturamento das empresas em 1999, o que dá um salto de R\$ 20,324 bilhões para R\$ 23,339 bilhões em 2000. E se for olhado apenas o mercado de previdência, a expansão é ainda mais significativa: um aumento de 43,3%, saindo de R\$ 3,898 bilhões em 1999 para R\$ 5,585 bilhões, no ano passado.

“Quando a economia cresce, a atividade seguradora cresce ainda mais”, diz o superintendente da Susep, Hélio Portocarrero. Ele enumera vários motivos para o verdadeiro “milagre” da multiplicação do setor em 2000. “As pessoas estão mais preocupadas em garantir o futuro. Perceberam que a previdência oficial não dá para cobrir o mesmo padrão da vida ativa e que é preciso fazer seguro não só do carro, mas também de outros bens”, lembra Portocarrero.

A entidade estima que a venda

de seguros de carros encerrou 2000 com crescimento de cerca de 17% este ano, ainda como a principal carteira do setor. E as perspectivas também são positivas para 2001. “Além de automóveis e previdência, acredito muito nas perspectivas para o seguro de vida individual”, disse o titular da Susep. O seguro de vida ainda depende de uma mudança na tributação, que está sendo analisada pela Receita Federal há meses.

Longo prazo – Como todos os seguros, a apólice de vida individual também paga 7% de Imposto sobre Operações Financeiras (IOF). A proposta em estudo é de que essa taxa seja zerada com o argumento de que o seguro individual cria poupança de longo prazo, uma reserva importante

para um país em desenvolvimento como o Brasil.

“O seguro de vida em grupo foi um dos poucos que sobreviveu aos vários anos de inflação astronômica. O problema é o sistema de mutualismo, sem capitalização de longo prazo”, diz Portocarrero.

As vendas de capitalização também estão indo muito bem este ano. Pelas previsões da Susep, as empresas deverão fechar com um crescimento no faturamento de pelo menos 8%, aumentando de R\$ 4,090 bilhões em 1999 para R\$ 4,421 bilhões, em 2000. O titular da Susep lembra ainda que foram tomadas vá-

rias medidas para proteger mais o consumidor na compra de títulos de capitalização, mas reconhece que alguns bancos ainda fazem venda casada, “empurrando” esse produto para que o cliente consiga um cheque especial, por exemplo. A dificuldade, afirma Portocarrero, é comprovar essa prática.

E quem pensa que o produto deveria ser visto apenas como uma poupança, ele ressalta que o brasileiro adora o apelo do sorteio.

Privatização – Se em 2000 várias companhias estrangeiras reafirmaram o fôlego para aboca-

nhar uma fatia expressiva do mercado segurador brasileiro, o movimento promete estar longe de se esgotar em 2001. Este mês será privatizada a Sasse, seguradora da Caixa Econômica que é líder na venda de seguro habitacional e tem como chamariz o balcão de vendas da poderosa Caixa.

Vários grupos já demonstraram interesse pela Sasse, até mesmo internacionais, como a francesa CNP, além das que já operam no Brasil, como a AGF e a Icatu Hartford. A privatização promete ser o início de um ano agitado: o IRB-Re, bastião oficial do resseguro, será transferido ao setor privado, assim que for decidida a pendência jurídica que impede sua venda.

Com o fim do monopólio do resseguro, o titular da Susep espe-

ra que alguns negócios deslanchem, como é o caso do seguro agrícola. “É preciso que grandes resseguradoras internacionais, especializadas nesse ramo, possam atuar aqui”, avalia Portocarrero. Ele admite que houve uma verdadeira catástrofe nas apólices agrícolas, por causa da geada e da seca. “O bom é que os sinistros estão sendo todos pagos”, disse.

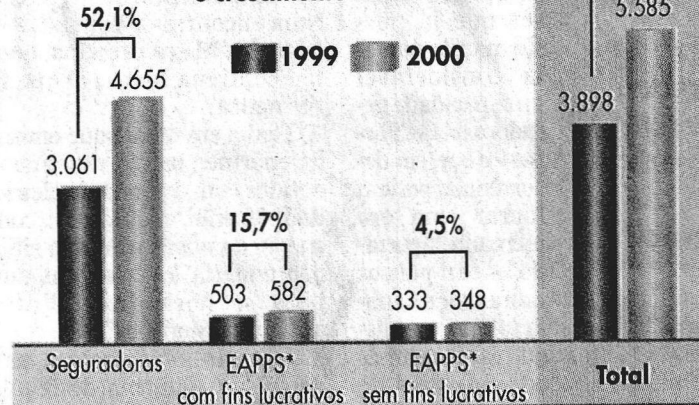
Portocarrero também prevê um forte crescimento do seguro garantia, muito utilizado em obras de engenharia, por exemplo. E se o ritmo das privatizações for mais acelerado do que em 2000, o mercado segurador também poderá ser beneficiado. O raciocínio do superintendente é de que empresas privadas fazem mais seguro, e atualizam toda a carteira, do que em gestão estatal. “Tem sido assim em casos recentes”, garante.

Para este ano o Congresso pode aprovar também a nova agência de fiscalização que unirá as atividades hoje exercidas pela Susep, além da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), parte do Banco Central e da Secretaria de Previdência Complementar (SPC). Assim, o mercado seria melhor fiscalizado.

Hoje, se for um fundo de ações, quem fiscaliza é a CVM. Se for uma seguradora é a Susep, que também fica com as fundações de previdência abertas. Já os fundos de pensão fechados são a cargo da SPC. E o BC também tem sua parte, cuidando dos fundos de renda fixa. “A tendência mundial é fiscalizar o conglomerado”, comenta Portocarrero.

PREVIDÊNCIA

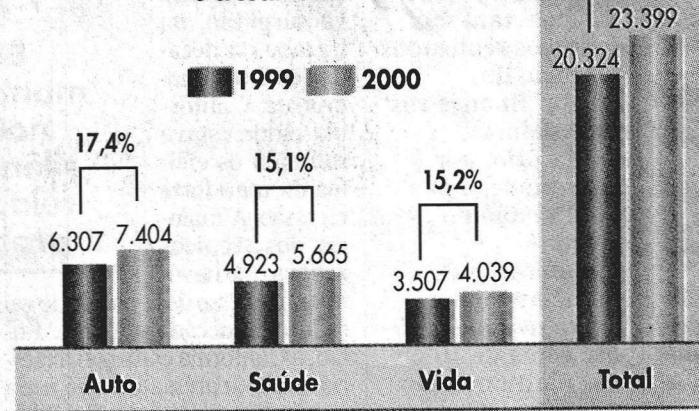
Faturamento em R\$ milhões e crescimento



* Entidades Abertas de Previdência Privada

MERCADO DE SEGUROS

Faturamento em R\$ bilhões e crescimento



fonte: Susep

APÓLICES DE VIDA TÊM BOAS VENDAS